

A Cultura Maranhense Vista Daqui¹

Ana Raquel da Silva Costa²
Marta Maria Azevedo Queiroz³
Universidade Federal do Piauí, Teresina, Piauí

Resumo: “É daqui, do Maranhão”! O presente artigo tem como objetiva analisar o programa televisivo intitulado *Daqui*, de entretenimento e cultura regional do Maranhão, que estreou em 2017, na TV Mirante afiliada da Rede Globo. O programa é veiculado aos sábados, com duração de 30 minutos, traz diversidades de conteúdos culturais sobre o Estado e seus gentílicos. Utilizamos como metodologia a análise de conteúdo categorial para refletir acerca da produção de subjetividades e identidades culturais com fundamentos em MORIN (1994); HALL (2001); MIRANDA (2000); CASTELLS (2008); ANDERSON (2008). E como conclusões percebemos o programa “Daqui” silencia diante das dificuldades, e apresenta apenas as possibilidades, na tentativa de trazer ao telespectador a vontade de se orgulhar do seu Estado.

Palavras-chave: Identidade Maranhense; Subjetividades; Cultura; Mídia

Introdução

“É daqui, do Maranhão”! O presente artigo tem como objetivo analisar o programa televisivo intitulado *Daqui*, de entretenimento e cultura regional do Maranhão, que estreou em 2017, na TV Mirante afiliada da Rede Globo. O programa é veiculado aos sábados, com duração de 30 minutos, traz diversidades de conteúdos culturais sobre o Estado e seus gentílicos, o que nos permite compreender, por meio da mídia, os sentidos identitários produzidos acerca da cultura maranhense.

Em descrição feita pela própria emissora, o programa tem como pauta o “Maranhão que todo mundo conhece e o que nem todo mundo vê”. Seu conteúdo divide-se em quadros: “Humor Daqui”, quadro de humor sob o comando do trio de atores da Cia Santa Ignorância com os personagens da sua peça “Pão com Ovo”; “*Kiu da Thay*”,

¹ Trabalho apresentado na DT 8 – Estudos Interdisciplinares da Comunicação do XXI Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste, realizado de 30 de maio a 1 de junho de 2019.

² Mestranda em Comunicação no PPGCOM – Programa de Pós-Graduação em Comunicação, na Universidade Federal do Piauí (UFPI). Email: rachelscosta1@gmail.com

³ Professora Doutora do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal do Piauí. Brasil. E-mail: profa.marta@hotmail.com

quadro de entrevistas comandado pela influenciadora digital “Thaynara OG”; “Entretenimento”, quadro que apresenta cinema, música, arte e lazer produzidos no Maranhão e por maranhenses; *Love Pet*, quadro que traz em pauta assuntos relacionados a bichinhos de estimação; “Moda”, pautas acerca da moda produzida no estado e tendências do mundo associadas ao Maranhão; “Me Diz Ai”, quadro “fala povo”, onde o repórter vai as ruas perguntar a opinião das pessoas sobre temas relacionados ao Maranhão.

O que propomos analisar são os sentidos produzidos acerca do “ser maranhense”, utilizando as técnicas de análise de conteúdo categorial, apresentada por Bardin (1977), para elencar as categorias de análise que veremos logo abaixo. As edições selecionadas para análise são referentes à comemoração do programa no seu primeiro ano, justificando-se pelo fato do conteúdo apresentado trazer uma síntese do que foi considerado pelos produtores como os destaques do programa acerca do Maranhão.

Levando em conta que a linguagem não se trata apenas de um instrumento verbal, ao analisar os sentidos produzidos levamos em consideração a estética do programa, a forma como foi construído, os elementos visuais e os valores simbólicos que estão impressos no programa. Como deve ser possível ver, não é apenas o conteúdo que toma a fala de seus participantes que contribui para a formação da imagem construída acerca do estado Maranhão.

Subjetividade e Produção do Sujeito na Mídia

Como o sujeito é produzido pela mídia televisiva? É importante ressaltar que a discussão sobre sujeito e produção de subjetividades vem expandindo-se nas pesquisas no campo das ciências da comunicação através de autores como Hall (2001), Miranda (2000) e Morin (1994). Um dispositivo midiático, segundo Agamben (2011), trata entender a produção de subjetividades por meio dos discursos das instituições sociais como a família, a escola, a religião, as relações e, em específico, a mídia.

Morin (1994) introduz a forma de pensar o sujeito e noção de autonomia que tem uma relação de dependência com o meio ambiente em que está inserido, ao contrário da ideia de um sujeito que possuía suas subjetividades como algo intocado pelo mundo exterior. O sujeito deixa de ser compreendido como o produtor de sua própria razão e passa a assumir um descentramento de si mesmo. Ou seja, é preciso considerar as

subjetividades e os dispositivos que atravessam a vivência desse sujeito, assumindo que a construção de subjetividades não se trata de algo de algo imutável e interior ao indivíduo, pois se constrói no contato com esses fatores de sua vida social.

Ao refletir sobre a constituição de um indivíduo, precisa-se assumir que o sujeito está à mercê de uma série de práticas discursivas que recaem sobre ele. O que se considera normal em uma sociedade não se trata do naturalmente constituído. Se trata de algo que vem sendo formado ao longo do tempo, moldado de acordo com as práticas discursivas, existente com uma funcionalidade na sociedade.

Levando em conta a dimensão geográfica e ideológica que uma mídia pode alcançar, analisá-las na perspectiva de dispositivo que tem a capacidade de construir subjetividades leva a compreender como os sujeitos que são alcançados por determinado conteúdo podem ser constituídos por essa parcela de significados e discursos. Importante apontar que, cada sujeito tem a capacidade de reagir de uma forma mediante a cartela de informações que lhe são apresentadas.

Ao propor que o indivíduo se trata de um produto de interação de elementos que resulta em um efeito, Morin (1994) nos invoca a seguir nessa linha de pensamento onde o indivíduo não existe por si só, mas que tem suas subjetividades construídas através dos sentidos que absorve. Dessa forma, a sociedade pode ser considerada como produto das interações entre os seus indivíduos. Temos, então, uma constante disputa entre as universalidades que estão naturalizadas como uma forma de realidade e as individualidades de cada sujeito.

Caminhando nessa busca pela concepção da noção de sujeito, Hall (2001) traça as mudanças de conceitos, através de alguns teóricos, sobre como o sujeito do iluminismo (centrado) acaba por perder a característica de uma identidade fixa através do descentramento do sujeito moderno na pós-modernidade. Assim como Morin (1994) apresenta um sujeito que depende das organizações exteriores para organiza-se em sociedade, Hall (2001) discorre sobre o sujeito que não está centrado na sua própria razão, mas que se molda através do contexto em que está inserido. Dessa forma, pretende-se analisar quais são as formas de subjetivação sobre o que é ser maranhense no programa “Daqui”, veiculado pela TV Mirante, no estado do Maranhão.

Levando em conta que o objeto estudado se trata de um programa televisivo, devemos vê-lo como um dispositivo midiático que de alguma forma procura produzir conteúdo que gere rentabilidade. Considerando as ideias de sujeito que constrói suas

subjetividades na relação com o meio exterior (MORIN, 1994; HALL, 2001), perceber essa lógica capitalista do dispositivo midiático se torna importante ao considerar o que Miranda (2000) entende como subjetividade maquínica, onde são produzidos sentidos explorados por mecanismos capitalistas que visam o consumo. Esses discursos acabam por chamar o público, no caso, a consumir aquilo que o tornaria sujeito maranhense. São discursos que propõem suprir a falta que o indivíduo tem e dizem o que ele precisa fazer para ser merecedor daquela identidade.

A ideia da mutabilidade que foi aplicada à construção do sujeito (MORIN, 1994; HALL 2001) é trazida por Castells (2000) ao defender a ideia de identidades que são construídas por significados de procedência cultural, onde essa construção social ocorre em um contexto marcado por relações de poder. Tais relações de poder teriam ligação com os mecanismos capitalistas que exploram sentidos produzidos, conforme apresentado por Miranda (2000), pelo dispositivo midiático. Ao apontar que existem identidades plurais, Castells (2000) afirma que cada uma delas é produto de um processo que leva à um resultado distinto em relação a construção da sociedade.

Ao propor um estilo de vida para participar de um grupo, há um compartilhamento de significados que produzem um circuito de afetos entre os seus membros. A seguir apresentamos as análises acerca dos sentidos produzidos de ser maranhense no programa “Daqui”.

A. Belezas Daqui

A categoria de análise em questão faz referência aos conteúdos em que foram apontados bens físicos e simbólicos do estado maranhense. Em sua fala, a apresentadora aponta que o programa se propõe a mostrar as belezas físicas e culturais do Maranhão. Nesse conteúdo podemos ver elementos que fazem parte da herança cultural e histórica do Maranhão caminhando lado a lado ao turismo.

Entre práticas e lugares históricos, pouco a pouco o programa começa a construir a imagem das belezas que compõem o seu estado. Profissões como pregoeiros, benzedeiras, quebradeira de coco, parteiras, mestres carpinteiros navais, catadores de caranguejos e produtores de farinha d’água são apontadas como tradições que carregam uma grande carga cultural representante da localidade em que se pratica. Os lugares em que se praticam essas ações acabam por introduzir no pensamento um valor simbólico,

não necessariamente pelo ambiente isolado, mas pelo que acontece ali e por somente ele proporcionar aquele tipo de ação.

Figura 01 – Imagens dos Lençóis Maranhenses⁴ em matéria do programa “Daqui”



Fonte: *Print* do programa *Daqui* no site G1 da Globo

Aos poucos pode-se perceber a construção da relação entre paisagem e a memória que vai além das percepções da composição física do local e se atenta também a um conjunto de signos (palpáveis ou simbólicos) que acabam por estruturar a paisagem para o sujeito. Tal percepção vai de encontro ao que Hall (2001) propõe como “narração da nação”, onde há uma formulação e internalização de uma produção de sentidos partilhados de forma simbólica e não apenas referente ao territorial. Essa linha de pensamento acaba por se combinar com o que Anderson (2008) define como “comunidades imaginadas”, onde as nações se diferenciam pela forma como são pensadas e tem tanto suas diferenças com aspectos semelhantes partilhados no plano do simbólico e nos sentidos que são formados sobre territórios.

O programa se dedica a valorizar as paisagens naturais que a unidade de federação possui. Tenta construir no imaginário do seu telespectador o anseio pela valorização do que seu estado tem de melhor, o faz sentir orgulhoso de residir em um território com uma

⁴ Parque nacional de unidade de conservação brasileira de produção integral da natureza localizado na região nordeste do estado do Maranhão, distribuído nos territórios dos municípios de Barreirinhas, Primeira Cruz e Santo Amaro do Maranhão.

vasta beleza cultural e material. O conceito de “narração da nação” e “comunidades imaginadas” ajuda a entender a forma como um grupo mantém uma relação com um lugar ao levar em consideração o sentimento de pertencimento e motivação para aderir a continuidade através de práticas culturais. Os elementos de constituição material (os lugares) acabam por trazer os elementos imateriais (memória coletiva, belezas culturais e práticas que visam dar continuidade).

As belezas do estado apresentadas pelo programa são lugares que carregam histórias culturais ou paisagens naturais que são reconhecidas por seu aspecto belo. Ao apresentar o conteúdo, o programa se propõe a contar a história do estado e introduzir no seu telespectador a vontade de preservar essas memórias. Conhecer as “belezas daqui” implica reconhecer os aspectos históricos que carregam e valorizar os pontos atrativos naturais do Maranhão.

B. Sabores Daqui

Esta categoria de análise se dedica a discorrer sobre o conteúdo que aborda questões sobre a culinária apontada como representante da cultura maranhense. Questões como as atividades comerciais, a fauna e a flora do estado acabam por nortear a definição da produção de uma “gastronomia daqui, do Maranhão”. Os produtos regionais são colocados em grande estima, apontando a identidade dos sabores maranhenses.

A culinária do Maranhão acaba sendo caracterizada por alimentos que tem sua produção no estado e acabaram historicamente sendo repassado através da memória de seus moradores. Como já vem sendo discutido, esses sentidos apresentados acabam por ser uma das vertentes responsáveis por provocar esse sentimento de pertencimento em relação aos alimentos apresentados, tal como se fossem a culinária narrada dessas comunidades imaginadas que falam os autores Stuart Hall (2001) e Benedict Anderson (2008). No programa analisado, a culinária vem na forma do bolo de aniversário da mídia televisiva que, além de ser feito por uma profissional do estado, foi elaborado com elementos que são denominados como representantes da culinária regional.

Todo esse esforço por gerar um sentimento de pertencimento através da culinária regional evidencia, antes de tudo, a tradição do grupo em que ela está sendo apresentada ligando-os aos antepassados e à história do lugar em questão. A proposta visa aproximar o consumidor desse modo de produção gastronômica à cultura da região. Logo essa

prática acaba se tornando como um exercício de pertencer a uma identidade do maranhense no que se tem como as práticas alimentares que são apontadas como do estado.

Figura 02 – Profissional convidada ensinando a fazer bolo com recheios de frutas típicas



Fonte: *Print* do programa *Daqui* no site G1 da Rede Globo

Em muitos casos, a culinária regional acaba recebendo o título de patrimônio cultural. Analisar esse segmento da alimentação enquanto apropriação de um estado, acaba por ter o papel de fazer compreender quais aspectos se pedem para serem consumido visando assumir a identidade da região. Ao assumir o caráter dinâmico dos sentidos produzidos acerca de uma identidade, Castells (2008) aponta a forma de identidade de resistência, onde se usam de materiais culturais disponíveis para construir novas identidades, estas que são construídas socialmente e não são imutáveis. O bolo do tipo *naked cake*, por exemplo, não existe desde a fundação do estado. Mas os sentidos que se tem construídos acerca das frutas usadas no recheio acaba por torná-lo na narrativa um bolo que pertence a culinária maranhense. Estes produtos são apropriados por um grupo como figuras emblemáticas, estas capazes de representar esse coletivo, agir como instrumento de reconhecimento e conhecimento. Estas figuras são produtos através das relações sociais e agem na produção da identidade do grupo que adota este símbolo.

Tais aspectos acabam por apontar a materialidade da identidade em questão. A comida típica, no caso, se constrói no jogo entre os ingredientes e a carga simbólica que carregam. As cozinhas regionais, portanto, “falam” do homem e de seu meio, na medida que apresentam não apenas ingredientes e sabores próprios de uma localidade, mas os apresentam a partir de uma lógica própria, de técnicas de produção, preparo e serviço que transmitem valores e tradições de um determinado contexto cultural. O fato de a pessoa responsável pelo preparo do bolo ser maranhense se junta ao uso de ingredientes que foram incorporados como representantes da culinária do estado para perpassar esse sentido acerca do bolo maranhense. Dessa forma, o programa acaba por ser um meio que ajuda a construir uma associação onde um conjunto culinário se associe a uma determinada região e a partir daí a menção a esse determinado ingrediente pode remeter a ideia do que se pode encontrar na região.

Mas, ao mesmo tempo que essa classificação acaba por incluir uma série de práticas alimentares e, conseqüentemente, as pessoas que fazem uso dessa culinária, determinadas exclusões são feitas. A determinação de uma série de alimentos como maranhense, acaba por excluir outros que por ventura não se encaixam na lista apresentada. A narração de uma culinária maranhense, então, se define também pelo que não é maranhense. O critério então seria ser produzido por maranhenses e conter iguarias encontradas no estado. O território se torna, então, o elemento determinante do simbólico, onde a mídia analisada escolhe critérios para determinar aquilo que seria ou não do Maranhão.

Um ponto de conflito que poderíamos levantar e que não se aborda no programa se trata de entender e levantar as questões como: “E as pessoas que não gostam desses alimentos?”. Sendo os indivíduos instigados ao consumo através dos sentidos apresentados sobre a culinária maranhense, aqueles que não gostem desses alimentos, mesmo tendo o fator de ter nascido e viver no Maranhão, seriam então “menos maranhenses”? Ao propor a valorização do regional, há um risco de propor por outro lado a exclusão daqueles que não compartilham daqueles alimentos em seu gosto pessoal.

Ser maranhense implica ser apreciador da culinária regional, onde aspectos modernos e tradicionais se mesclam para tentar se perdurar ao longo do tempo. O bolo moderno ganha os recheios de frutas que são consideradas típicas do Maranhão. Uma analogia talvez ao que acaba por acontecer com os indivíduos desse grupo que tem que

acompanhar os sentidos mutáveis ao mesmo tempo que precisa ter alguma raiz em suas tradições para que haja a coesão do grupo ao longo do tempo.

C. Personagens Daqui

Nesta categoria de análise são elencadas questões sobre os personagens que compõem a construção cultural do Maranhão. O tradicional e contemporâneo é apresentado lado a lado ao longo da programação. O programa condensa aspectos que tem sua ancoragem na história cultural e segue por produções culturais que acabam mesclando o regional com o global. Para ser classificado como personagem maranhense, o programa usa do critério da naturalidade da pessoa. Logo o formato de produção cultural destes indivíduos não tem um padrão de características do conteúdo. Uma personalidade maranhense se trata de quem nasceu no estado e faz algo que seja considerado como relevante no cenário regional, nacional ou internacional. Um dos quadros em que isso pode ser observado se trata do “*Kiu da Thay*”, onde a apresentadora faz entrevistas com maranhenses, que não necessariamente vivem no maranhão ou produzem conteúdo no estado. No programa analisado, a produção apresenta a entrevista com um DJ maranhense, seguido de artistas cuja produção se trata dos mais diversos âmbitos e gêneros.

Partindo da reflexão feita em cima dos pensamentos de Hall (2001) e Morin (1994) sobre as subjetividades que compõem a identidade do sujeito não serem imutáveis, pode-se ver, por exemplo, a tentativa de resgatar o personagem cultural Fofão⁵ ao tempo que produções culturais totalmente diferentes começam a aparecer no cenário maranhense. Essa dinâmica do programa remete ao pensamento de Giddens (2007) sobre o papel da tradição agindo como uma cola nesse caráter mutável das subjetividades acerca da identidade do sujeito, ao une as ordens sociais e mantém uma linha imaginária que se estende para o futuro levando essa influência do passado.

Dentro dessa categoria também está presente o conteúdo que apresenta o Maranhão como um estado que ser reconhecido pelas suas práticas esportivas, onde o programa se dedica a apresentar atletas que se destacam em esportes de escala global como basquete, skate e surf. Essas práticas são apresentadas em sua maioria como a forma

⁵ Personagem símbolo do carnaval maranhense inspirado em personagens do carnaval europeu. Foi considerada uma fantasia muito popular pelas ruas do estado durante a celebração da festividade.

de mudar a vida do maranhense, onde o esporte também acaba sendo a base de projetos elaborados no estado e a fonte de mérito de seus praticantes. O programa ao mesmo tempo que se dedica a mostrar as tradições que permanecem, aponta que há espaço para a pluralidade na produção cultural, usando para isso personagens que se dedicam também a produzir novos produtos desde que com o toque do “feito por maranhense”.

Figura 03 – No primeiro quadro matéria sobre o personagem Fofão e no segundo quadro matéria sobre gravação de clipe de banda maranhense do gênero pop rock.



Fonte: Colagem feita pela autora com *prints* do programa Daqui no site G1 da Rede Globo

Um dos aspectos que mais identificam personalidades maranhenses se dá através da música. A partir daí busca-se reafirmar a diversidade de produção cultural ao apresentar musicistas maranhenses que não se prendem a somente um ritmo para ser considerada música regional, mas que passeiam por diversos ritmos musicais. A produção cultural maranhense não se trata necessariamente de produções com instrumentos e ritmos genuinamente maranhenses, de acordo com o programa está diretamente ligada ao fato de ser feita por cidadãos nascidos no estado.

Em outro ponto, algumas das letras de artistas musicais apresentados acabam por reafirmar características maranhenses e alguns dos ritmos se tratam de algo que foi carregado pela memória da tradição construída ao longo do tempo. A banda Criolina⁶, que fez participação especial na edição analisada, se trata de um bom exemplo desse fato. Ao tempo que usa instrumentos metalizados, suas letras trazem narrativas de características sobre origem e pertencimento do Maranhão: “*Venho do tiriricaú eu trabalho com sisal / corta a rede coisa e tal / Eu sinto cheiro da sorte, tô vindo de nova iorque / fazendo conexão com farinha e camarão / Meu selo é o do Maranhão, Brasil*” (ALE MUNIZ – PROJETO CRIOLINA, 2009).

Mais uma vez, a tradição e o contemporâneo se juntam continuamente para produzir sentidos sobre o estado do Maranhão e seus habitantes. Se há uma maior ou menor mutabilidade, as produções determinadas como pertencente do estado através de seus personagens seriam uma das mais suscetíveis a serem classificadas como de maior mutabilidade. A valorização da tradição se junta a tentativa de introdução do estado em formas de produção globalizadas.

D. Linguagens Daqui

Ao definir esta categoria como uma análise das linguagens toma-se como definição os modos de expressão através da fala que são atribuídos aos maranhenses. Durante a programação o programa sempre se preocupa de deixar de alguma forma o modo de expressão verbal informal do maranhense. Um dos quadros que tem atuação nesse propósito se chama “Pão Com Ovo”, onde os três atores são encarregados de representar alguma cena que possa ter acontecido no dia a dia do maranhense. Para tanto, há uso da linguagem informal, com muitas expressões idiomáticas próprias do estado.

As situações que são colocadas como capazes de acontecer no dia a dia do maranhense acabam por retomar a percepção que Hall (2001) tem sobre a narração como forma de produzir sentidos que provocam sentimentos de pertencimento tais como as comunidades imaginadas definidas por Benedict Anderson (2008). O simbólico acaba por ser materializado nas situações apresentadas e para fazer a ligação para com o território do

⁶ Banda formada no estado do Maranhão por Luciana Simões e Alê Muniz com ritmo influenciado por Sound System, Afrobeat, Merengue, Tambor de Crioula, Toadas, Rock e Ska.

estado, os atores usam de expressões de linguagem que são colocadas como caracterizadora do sujeito maranhense.

Ao falar em vocabulário maranhense, vários aspectos podem ser observados. Para além de palavras isoladas, pode-se ver expressões completas, sons verbais, junção de palavras para uma exclamação, dentre outros. No programa analisado, o quadro “Maranhês” foi às ruas para testar o nível de conhecimento dos indivíduos sobre o vocabulário usado no estado. A linguagem apresentada pelo programa, acaba sendo um requisito para a identidade da fala do maranhense.

Figura 04 – Quadro “Maranhês” pergunta significado de expressões locais ao público



Fonte: Colagem feita pela autora com *prints* do programa Daqui no site G1 da Rede Globo

A linguagem aqui está sendo vista como determinante cultural de um grupo, onde a forma de expressão verbal colabora para manter o grupo coeso e ligado por esse laço imaginário do fato de conseguir compreender a fala do outro. O ser maranhense implica em saber falar e entender o vocabulário usado no Maranhão. O uso da linguagem em representações do dia a dia e afirmações que declaram a necessidade de um maranhense de verdade saber de todas as expressões, se reafirma como um dos sentidos apresentados

acerca do indivíduo que pertence a comunidade maranhense. Ser do Maranhão para o programa *Daqui* implica falar *Maranhês*, ou seja, a linguagem própria do estado.

Considerações Finais

Ao observar os depoimentos dos telespectadores podemos observar que audiência do programa se interessa por ser uma produção local que se dedica a mostrar e valorizar o que pode ser encontrado no Maranhão. O programa *Daqui* se dedica a mostrar um Estado rico, em bens culturais e belezas naturais. Para atingir tal finalidade, silencia diante das dificuldades, e apresenta apenas as possibilidades, na tentativa de trazer ao telespectador a vontade de se orgulhar do seu Estado.

Sobre os sentidos produzidos foi possível obter que o programa propõe a construção de um Maranhão belo, repleto de riquezas e que rico em produções culturais ao recorrer a elementos como a gastronomia, lugares, artistas e a linguagem usada no estado. As reportagens acabam por ter uma característica de especial, ao fugir do caráter mais engessado de uma notícia jornalística. As matérias e quadros são pensados para apresentar o estado ressaltando apenas seus pontos positivos e buscando a valorização da comunidade maranhense.

Ao tempo que o programa se dedica a mostrar uma realidade encontrada no território em si, também provoca o sentimento de que o maranhense pode brilhar fora do estado, desde que levando sempre consigo a bandeira do Maranhão. É possível ver o caráter mutável das subjetividades na cultura através dos sentidos produzidos sobre o Maranhão no programa *Daqui* que tem uma mescla de elementos da tradição em conjunto com a renovação de produções culturais.

O programa mostra que há um Maranhão e maranhenses plurais, com característica diferentes e diversidade de expressões culturais. Há esse exercício para que não haja um silenciamento das tradições em paralelo com a proposição de enxergar novas de produção cultural que podem surgir. A construção dos sentidos sobre o maranhense pelo programa em questão nos fala sobre um estado que precisa de reafirmação de sua riqueza, de conhecimento de sua história e descobrimento da diversidade cultural que tem. Ao propor uma apresentação do Maranhão para maranhense, pode-se compreender então que o programa entende que os pertencentes desta comunidade não conhecem o lugar que vivem e nem conhecem a si próprios.

A linguagem se apresenta como um dos elementos da identidade maranhense que incluem e exclui, além do nascimento. Para o programa, o maranhense tem o jeito próprio de fala, que sabe fazer o uso das expressões que são elencadas como de uso exclusivo do estado. Juntos, esses elementos colaboram para a construção de sentidos sobre o estado e seus pertencentes. Ao mesmo tempo que apresenta uma representação de realidade maranhense aberta ao pluralismo, possui alguns aspectos nos elementos de sua composição que são indispensáveis para ser maranhense. O Maranhão aqui se percebe como um estado belo, solidário, esportivo, musical, possuidor de uma culinária regional forte e detentor de uma linguagem que determina se o indivíduo pertence ou não ao estado.

Referências Bibliográficas

AGAMBEN, Giorgio. O que é o dispositivo. In: _____. **O que é o contemporâneo e outros ensaios**. Chapecó, RS: Argos, 2011.

ANDERSON, Benedict; BOTTMAN, Denise. **Comunidades imaginadas: reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo**. Editora Companhia das Letras, 2008.

BARDIN, Lawrence. **Análise de conteúdo**. Lisboa: edições, v. 70, p. 225, 1977.

CASTELLS, Manuel. **O poder da identidade**. 6ed. São Paulo: Paz e Terra, 2008.

CRIOLINA. Quebra Pote. Disponível em
< https://www.youtube.com/watch?v=gNz6WQS_PKc >. Acesso em 16/04/2019.

GIDDENS, Anthony. **Mundo em descontrole**. 6. ed. Rio de Janeiro: Record, 2007.

HALL, Stuart. **Identidade cultural na Pós-modernidade**. Rio de Janeiro. 10. Ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

MIRANDA, Luciana Lobo. Subjetividade: a (des) construção de um conceito. **Subjetividade em questão: a infância como crítica da cultura**, v. 2, p. 29-46, 2000.

MORIN, Edgar. La noción de sujeto. **Nuevos paradigmas, cultura y subjetividad**, v. 1, 1994.

PROGRAMA DAQUI. **Programa Especial 01 Ano**. Disponível em:
< <http://g1.globo.com/ma/maranhao/videos/t/todos-os-videos/v/veja-a-integra-do-programa-de-1-ano-do-daqui/7086678/> >. Acesso em: 10/04/2019.